

A CURA PELO AMOR OU O AMOR PELA CURA

SAMYRA ASSAD

Resumo: O texto visa trabalhar a questão do amor na experiência analítica, a saber, suas incidências clínicas na transferência. O aspecto libidinal envolvido na escolha do analista é trazido para se articular à cadeia inconsciente latente que sustenta o endereçamento do sujeito a uma análise.

Palavras-chave: Amor; Saber; Traço; Inconsciente

Abstract: The text aims to work the point of love in the analytical experience, namely, their clinical implications in the transfer. The libidinal aspect involved in choosing the analyst is brought to articulate the unconscious latent chain that supports the addressing of the subject to an analysis.

Keywords: Love; Know; Dash; Unconscious

A cura pelo amor ou o amor pela cura

SAMYRA ASSAD

A transferência

Podemos dizer que uma experiência analítica não acontece sem a transferência. Trata-se de um conceito fundamental, extraído por Freud a partir de suas observações a respeito do tratamento analítico, que caminha, passo a passo, sob a égide da dimensão do amor.

Vários são os autores e poetas que se ocupam do amor, da escrita do amor, e, curiosamente, quase todos eles trazem a dimensão da tragédia ou do perigo que esse sentimento traz. Claro, não podemos nos esquecer do bálsamo que muitas vezes ele oferece à vida, mas, se o amor é algo invocado numa experiência analítica, Freud bem sabe o que disse quando nos revelou algo sobre "invocar o espírito dos infernos" (FREUD, 1969, p. 213).

Roland Barthes, por exemplo, em *Fragments de um discurso amoroso*, traz a inequívoca experiência do endereçamento (cartas de amor) articulando o amor, a escrita e a solidão.

Há também *O banquete*, de Platão, sobre o qual Lacan trabalhou para falar do conceito de transferência em *O seminário, livro 8*, intitulado "A transferência". Em *O banquete*, momento regado a vinho, os convidados eram convocados, um a um, a falar sobre o amor. E, para seguir o fio do alicerce que sustenta a transferência, qual seja, o do endereçamento e do deslocamento, traríamos o que Sócrates aí deflagrou a Alcebiades, quando desvia o que este vê nele, segundo o comentário de Lacan: "Mas convém não desconhecer que, aqui, Sócrates, justamente porque sabe, substitui alguma coisa por outra coisa. Não é a beleza, nem a ascese, nem a identificação a Deus que deseja Alcebiades, mas esse objeto único, esse algo que ele viu em Sócrates e do qual Sócrates o desvia, porque Sócrates sabe que não o tem" (LACAN, 1992, p. 161).

De toda forma, para falarmos das incidências clínicas do amor sobre a transferência, não poderemos dispensar os aspectos que aí se configuram como sendo a função de deslocamento e endereçamento, alicerces freudianos do amor transferencial.

O amor como resistência para o tratamento

O artigo de Freud "Observações sobre o amor transferencial", publicado em 1915, foi considerado por ele mesmo como o melhor da série dos seus trabalhos técnicos. Ele nos aponta a dificuldade que o analista enfrenta (principalmente os mais jovens) quando chega a ocasião de "interpretar as associações do paciente e lidar com a reprodução do que foi reprimido" (FREUD, 1969, p. 208).

É incrível perceber, com esse texto de Freud, como a neurose e o amor possuem uma espécie de relação orgânica; tanto que o amor dirigido ao analista pode vir a se tornar um verdadeiro empecilho para o tratamento, mostrando-nos o uso que a repressão pode fazer do amor a favor de uma resistência ao tratamento. Ou seja, o amor é um terreno fértil para a neurose!

Longe de se pautar sobre uma questão moral para se recusar à correspondência amorosa que uma paciente reclama no processo de análise, Freud nos diz da importância de aí haver o que chamamos de manejo da transferência. Por quê? É no amor, pois, por excelência, que se concentra o que se acha oculto na vida erótica infantil. Diz Freud: "Quanto mais claramente o analista permite que se

perceba que ele está à prova de qualquer tentação, mais prontamente poderá extrair da situação seu conteúdo analítico” (FREUD, 1969, p. 216).

Desse modo, agora as cartas ficam na mesa: a precondição do amor na vida adulta se localiza na “escolha objetual infantil e nas fantasias tecidas ao redor dela” (FREUD, 1969, p. 217). Assim, as noções de deslocamento e endereçamento ganham, aqui, o foco de uma luz no processo transferencial. Por esse viés mesmo podemos encontrar “o problema de como é que uma capacidade de neurose se liga a tão obstinada necessidade de amor” (FREUD, 1969, p. 217).

Logo, a posição do analista é fundamental para se fazer superar a resistência do paciente ao tratamento, resistência essa que se estabelece pela via do amor ou do enamoramento do sujeito para com o analista. O amor transferencial pode, então, funcionar como resistência ou mola propulsora em uma análise.

Do traço ao saber

Por outro lado, isso certamente nos conduzirá a um enunciado de Lacan, a saber, que a resistência é sempre do analista. Não é à toa que Lacan também nos diria “analistas, sejam pacientes”. A dupla maneira de se ler essa frase aponta para a necessidade de o analista, para não ceder aos encantos de um paciente e, com isso, beneficiá-lo em seu tratamento, trabalhar também suas próprias fantasias e escolhas objetuais para que não seja imaginariamente capturado na transferência, numa relação dual com o paciente.

Isso, portanto, abre outra perspectiva para abordarmos o amor transferencial: a do traço que imprime a escolha de um analista, que descortinará a relação libidinoso do sujeito com seu objeto de amor. Nota-se um traço, um símbolo, uma contingência que faz um sujeito dizer “é com esse que vou fazer minha análise...”. Certamente isso é singular, nenhuma escolha passa pelo mesmo tipo de encontro. Dessa maneira, estamos dizendo também de um deslocamento: aquele do traço impresso pelo sujeito ao analista para se chegar ao saber, ao saber inconsciente, ou seja, $S1 \rightarrow S2$.

Isso nos permite ressaltar um percurso, o do traço que instiga uma escolha pelo analista, com tudo aquilo que este aloja em relação a um aspecto libidinoso e fantasmático do sujeito ao saber, à suposição de saber no analista – o que

chamamos de Sujeito Suposto Saber em uma leitura lacaniana. É assim que o analista empresta o seu corpo na transferência.

Acrescentamos, assim, à noção de deslocamento e endereçamento inerentes à transferência, a questão da suposição de saber no Outro, não sem incluir o aspecto libidinal que isso envolve – o que permite, por sua vez, a experiência com a indeterminação na relação do sujeito com o saber que o ultrapassa, via o engano do SSS, que nos orienta em direção ao real. No decorrer do tratamento, depura-se outra faceta no final desse processo: a dimensão real da transferência e ao incurável, ou não simbolizável.

$$\begin{array}{ccc} S_q & \longrightarrow & S_n \\ \hline & & (S (s_1, s_2, s_3, s_n...))^1 \end{array}$$

Por esse viés, o ICS articulado à transferência se faria pela via do traço que pode ser captado em um significante qualquer: $S_t \longrightarrow S_q$.

Talvez isso nos permita dizer que o “significante qualquer” da transferência teria a função de uma conexão com a cadeia de significantes inconscientes latentes. Em outras palavras, lá onde a marca, o traço, se constituiu, uma causa (ou modo de vida, ou de amar) deve advir.

O que se eleva aí faria parte de um funcionamento psíquico, e, seguindo o alerta de Freud, “O psicanalista sabe que está trabalhando com forças altamente explosivas e que precisa avançar com tanta cautela e escrúpulo quanto um químico (...) quando tudo está dito, a sociedade humana não tem mais uso para o *furor sanandim* nem para qualquer outro fanatismo” (FREUD, 1969, p. 221).

É certo que, no final do texto “Observações sobre o amor transferencial”, Freud faz alusão ao que é incurável, ainda que nosso trabalho tenha indicado a noção da cura pelo amor. Se a análise é um processo de depuração, algo do incurável, através do amor de transferência mesmo, se apresenta.

¹ Matema elaborado por Lacan sobre a transferência, em sua “Proposição de 9/10/67”, In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 253.

É, se posso dizer assim, quando as figurinhas do álbum (de família²), de uma história de vida, se descolam, restando apenas o branco do papel das páginas folheadas, escutadas e, fundamentalmente, lidas.

Talvez, assim, se esteja mais livre para amar.

Referências

BARTHES, R. – **Fragmentos de um discurso amoroso**, São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar.

FREUD, S. (1915 [1914]). "Observações sobre o amor transferencial" In: **Obras completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. **O seminário, livro VIII: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

_____. "Proposição de 9 de outubro de 1967". In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

PLATÃO. **Diálogos: O banquete – Fédon – Sofista – Político** (Coleção os Pensadores). 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural. 1991.

SAMYRA ASSAD

samyra@uai.com.br

Membro da EBP/amp

² Alusão à obra de Nelson Rodrigues "Álbum de família".